

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 49

Data: 27/07/76

Pg.: _____

A falta de chuvas leva à frustração projeto dos fulni-ó

**Da Sucursal
do RECIFE**

A irregularidade das chuvas no agreste meridional de Pernambuco praticamente já condenou ao fracasso o primeiro Projeto de Integração Econômica da tribo Fulni-ó, que previa uma safra de 1.200 sacas de milho e 800 de feijão, na reserva de Aguas Belas, a 310 quilômetros do Recife.

A situação, embora provocada por uma seca que a Sudene ainda não reconhecia oficialmente na área, até a semana passada, justificou uma reunião entre o órgão e a Funai, ontem, no Recife. Como voltou a chover na região, a Sudene recusou-se a abrir as frentes de trabalho solicitadas pela Funai para os índios. Mas, em compensação, firmou um entendimento com a Fundação no sentido de fornecer verba de seu orçamento normal para a realização de obras de infra-estrutura na reserva, bastante carente. Da safra inicialmente prevista, agora espera-se colher o equivalente a menos da metade.

O projeto, denominado oficialmente de "Plano de Desenvolvimento e Subsistência do Posto Indígena Fulni-ó", envolveu recursos de Cr\$ 70 mil, oriundos da "renda indígena", gerada na própria reserva, pelo arrendamento de parte das terras dos índios e pequenos agricultores da região.

Com essa verba, foram adquiridos, no começo do ano, 1.800 quilos de sementes de feijão e 900 quilos de sementes de milho. Cinquenta das 430 famílias da reserva foram selecionadas para implantar as lavouras numa área de 50 hectares. Dois critérios serviram de base para a escolha dos chefes de família beneficiados pelo projeto: a pobreza e a experiência agrícola. Foram também comprados arame

farpado em quantidade suficiente para cercar uma área de 360 hectares, prevista para a expansão futura do projeto e implementos agrícolas, como plantadeiras manuais e arados.

Em maio, caíram as primeiras chuvas e a comunidade Fulni-ó pôs-se a trabalhar com entusiasmo, sob a orientação do chefe do posto, o sertanista Antonio Vicente, e a liderança do pajé da tribo, Julião Pereira Junior. Toda a área foi cercada, os lotes de um hectare de cada família foram demarcados e iniciou-se a aração. Faltava ainda plantar 10 hectares quando as chuvas cessaram.

E as plantas começaram a mirrar, o trabalho no campo parou. No início a semana passada, preocupado com a situação, o delegado regional da Funai, Francisco Eudes de Araujo Lima, pediu à Sudene a abertura de uma frente de trabalho na reserva, para oferecer serviço aos índios desocupados e sob ameaça de passar privações. Da verba destinada ao projeto econômico, Cr\$ 15 mil ainda não haviam sido aplicados. Com esse dinheiro, a Funai comprará alimentos para distribuir entre as famílias mais necessitadas.

A Sudene, entretanto, não reconhecia ainda oficialmente o estado de seca no agreste meridional pernambucano, pois seus técnicos consideravam que ainda havia possibilidade de voltar a chover até agosto.

No meio da semana passada, efetivamente, as chuvas voltaram. Era ainda um simples chuveiro, mas persistente, suficiente para reacender em parte o entusiasmo dos muitos dos quais, já na quinta-feira, voltaram às roças, para iniciar tarefas atrasadas de capinação e limpar o terreno. Mas o prejuízo já era irreversível.